



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Semana traz dados de atividade, que devem reforçar tendência de acomodação, enquanto inflação deve voltar a desacelerar

**Na agenda de indicadores, destaque para os dados de atividade e do mercado de trabalho, que trazem os primeiros números do 4º trimestre.** O resultado da produção industrial de outubro será divulgado pelo IBGE na sexta (1), com estimativa de alta de apenas 0,2% no mês, mantendo os sinais de baixo dinamismo no setor, que tem sido o mais impactado pela política monetária contracionista e a desaceleração global. Já os números do mercado de trabalho devem seguir em tom positivo, apesar de alguma moderação. O Caged será conhecido na terça (28), com expectativa de geração líquida de 135,0 mil vagas formais em outubro, pouco abaixo do observado em out/22 (160,3 mil), enquanto o IBGE divulga a taxa de desemprego (PNAD) na quinta (30), que deve recuar para 7,6% em outubro (ante 7,7%). Ainda, ao longo da semana, a FGV divulga as sondagens de confiança de novembro dos empresários, que devem seguir apontando algum enfraquecimento da economia no 4º trimestre.

**O mercado também acompanha os números da prévia da inflação (IPCA-15) de novembro, que deve seguir dando suporte ao processo de redução da taxa Selic pelo Copom.** O índice será divulgado pelo IBGE na terça (28), e deve mostrar uma alta contida no mês, de 0,31%, beneficiada pela redução do preço da gasolina nas refinarias pela Petrobras no final de outubro. Por outro lado, os preços dos alimentos (especialmente *in natura*) devem subir devido às condições climáticas adversas (*El Niño*), encerrando uma sequência de 5 meses de queda. Em 12 meses, o indicador deve voltar à trajetória de desaceleração, passando de 5,05% para 4,82%. Já a FGV divulga o IGP-M de novembro na quarta (29), que deve subir 0,60% no mês, refletindo o aumento dos produtos agropecuários no atacado. Em 12 meses, o índice deve seguir em deflação, de -3,45% (ante -4,57%).

**A semana ainda traz dados das contas públicas e do setor externo.** No campo fiscal, o Tesouro Nacional divulga na terça (28) o resultado primário do governo central de outubro, cujo resultado seguirá pressionado pelo aumento dos gastos e queda das receitas, a despeito dos esforços de ampliação da arrecadação. Os analistas estimam um superávit primário de R\$ 15,4 bi, abaixo do registrado em out/22, de R\$ 31,9 bi. Já a Secex divulga na sexta (1) o resultado da balança comercial de novembro, que deve seguir apresentando forte superávit, estimado em US\$ 9,0 bi no mês (ante US\$ 6,2 bi em nov/22), beneficiado pelo elevado volume de exportações e queda das importações. Com isso, em 12 meses, o saldo comercial deve atingir US\$ 94,0 bi (ante US\$ 91,2 bi).

**A agenda internacional também será movimentada, com destaque para os dados de atividade e inflação nos EUA.** Na quinta (30), serão divulgadas as informações de renda e gastos pessoais, referentes ao mês de outubro, além do índice PCE (deflator dos gastos), métrica de inflação importante para a tomada de decisão do Fed. Os gastos e a renda devem apresentar altas mensais de 0,2%, indicando alguma moderação do consumo neste 4T23. Já o índice PCE deve desacelerar para 3,1% em 12 meses (ante 3,4%), com melhora também do núcleo (de 3,7% para 3,5%), que, caso se confirme, deve aumentar a confiança no processo de desinflação e no fim do ciclo de alta dos juros pelo Fed. Ainda nos EUA, também serão conhecidas a 2ª leitura do PIB do 3º trimestre, o Livro Bege, dados de confiança dos consumidores e os números finais de novembro dos índices PMI.

**Na Zona do Euro, destaque para a prévia da inflação ao consumidor (CPI) de novembro, na quinta (30).** O índice deve seguir em desaceleração, atingindo 2,7% (ante +2,9%) em 12 meses. Na mesma direção, o núcleo também deve arrefecer (de 4,2% para 3,9%), reforçando os sinais que o BCE já encerrou o processo de alta dos juros na região.

**Na China, destaque para os índices PMI (manufatura e serviços) de novembro, que devem mostrar alguma melhora, em meio aos estímulos econômicos adotados pelo governo.** Os indicadores serão conhecidos na quarta (29) e quinta (30), com expectativa de alta especialmente nos serviços.

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
27-30/nov	FGV: Sondagens de Confiança	Nov/23	-	-
28/nov	IBGE: IPCA-15	Nov/23	0,31% m/m 4,82% a/a	0,21% m/m 5,05% a/a
28/nov	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Out/23	R\$ 15,4 bi	R\$ 11,5 bi
28/nov	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Out/23	135,0 mil	211,8 mil
29/nov	FGV: IGP-M	Nov/23	0,60% m/m -3,45% a/a	0,50% m/m -4,57% a/a
30/nov	PNAD: Taxa de Desemprego	Out/23	7,6%	7,7%
30/nov	BCB: Reunião do CMN	-	-	-
01/dez	IBGE: Produção Industrial	Out/23	0,2% m/m 1,5% a/a	0,1% m/m 0,6% a/a
01/dez	Secex: Balança Comercial	Nov/23	US\$ 9,0 bi	US\$ 8,9 bi

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
28/nov	EUA	Confiança do Consumidor ( <i>Conf. Board</i> )	Nov/23	101,0 pts	102,6 pts
29/nov	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Nov/23 – final	-16,9 pts	-17,9 pts
29/nov	EUA	PIB	3º tri/23 – 2ª leitura	5,0% t/t (anualizado)	2,1% t/t (anualizado)
29/nov	EUA	Livro Bege	-	-	-
29/nov	China	PMI Manufatura e Serviços	Nov/23	49,8 pts / 51,1 pts	49,5 pts / 50,6 pts
30/nov	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Nov/23 – prévia	2,7% a/a	2,9% a/a
30/nov	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Out/23	0,2% m/m 0,2% m/m	0,3% m/m 0,7% m/m
30/nov	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Out/23	3,1% a/a	3,4% a/a
30/nov	China	PMI Caixin Manufatura	Nov/23	49,5 pts	49,5 pts
01/dez	Zona do Euro	PMI Manufatura	Nov/23 – final	43,8 pts	43,1 pts
01/dez	EUA	PMI / ISM Manufatura	Nov/23 – final	49,4 pts / 47,7 pts	50,0 pts / 46,7 pts

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Planejamento eleva previsão de déficit primário de 2023 para 177,4 bi

O Ministério do Planejamento divulgou o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 5º bimestre, no qual elevou a previsão de déficit primário deste ano em R\$ 35,9 bi, para R\$ 177,4 bi (1,6% do PIB). A piora da previsão decorreu de um mix de redução das receitas (R\$ -14,0 bi) e aumento das despesas (R\$ +21,9 bi), refletindo, em boa parte, a postergação de receitas e antecipação de despesas, numa aparente estratégia do governo para ajudar no resultado de 2024.

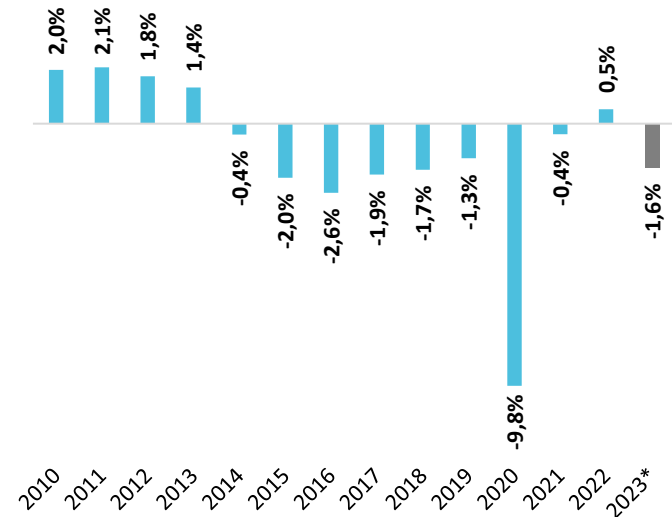
Do lado das receitas, pesou a redução da previsão de recebimento de R\$ 12,6 bi em recursos de depósitos judiciais da Caixa; e, a piora na previsão da arrecadação em impostos. Do lado das despesas, parte relevante do aumento (R\$ 16,3 bi) decorreu da antecipação da compensação da União aos Estados e municípios em função da redução do ICMS sobre os combustíveis em 2022, que poderia ser paga em até 3 anos. Além disso, também houve aumento da previsão dos gastos com saúde (elevação do mínimo constitucional, com o fim da regra do teto de gastos) e previdenciários.

De toda forma, o Planejamento aposta que o déficit primário deve ficar cerca de R\$ 30 bi abaixo da previsão oficial (em torno de R\$ 147,4 bi ou 1,4% do PIB), devido ao tradicional empoçamento de recursos nos Ministérios, isto é, dado que estes normalmente não conseguem gastar todos os recursos à disposição. Ainda assim, tal número releva o desafio do governo em zerar o déficit primário em 2024, diante da estratégia de focar o ajuste fiscal no aumento das receitas e da baixa disposição em controlar o aumento dos gastos.

No âmbito da atividade, o Monitor do PIB, calculado pela FGV, apontou estagnação da economia no 3º trimestre, reforçando a leitura de perda de tração da atividade, após um 1º semestre positivo. Do lado da oferta, a estagnação refletiu a retração da agropecuária (fim da colheita da safra agrícola) e a estabilidade do setor de serviços. Pela ótica da demanda, a FGV destacou a retração da Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF); e, a desaceleração do consumo das famílias, embora ainda em alta.

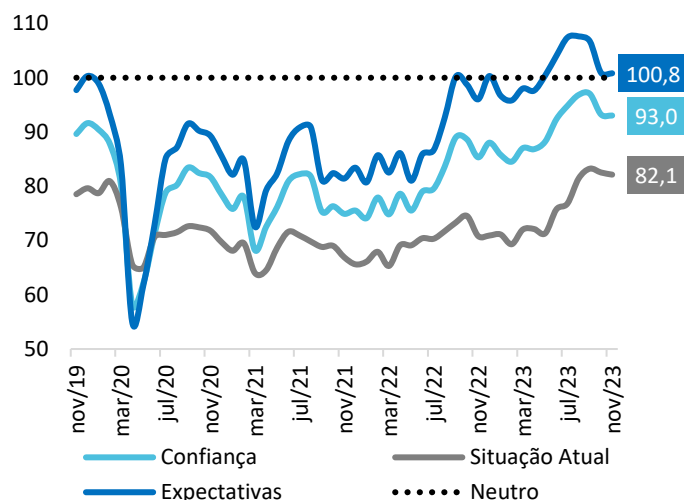
Neste sentido, a FGV também divulgou a sondagem da confiança dos consumidores de novembro, que mostrou queda pelo 2º mês seguido, para 93,0 pts (ante 93,2 pts), menor patamar desde junho. Com isso, o indicador sugere continuidade da desaceleração do consumo das famílias neste 4T23.

Quadro 1: Resultado Primário do Governo Central Em % do PIB



Fonte: Tesouro Nacional e Ministério do Planejamento. \*Estimativa de 2023 conforme o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 5º bimestre

Quadro 2: Confiança dos Consumidores Em pontos



Fonte: FGV

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Mercados seguem em alta em meio à expectativa de fim do ciclo de alta dos juros nos EUA

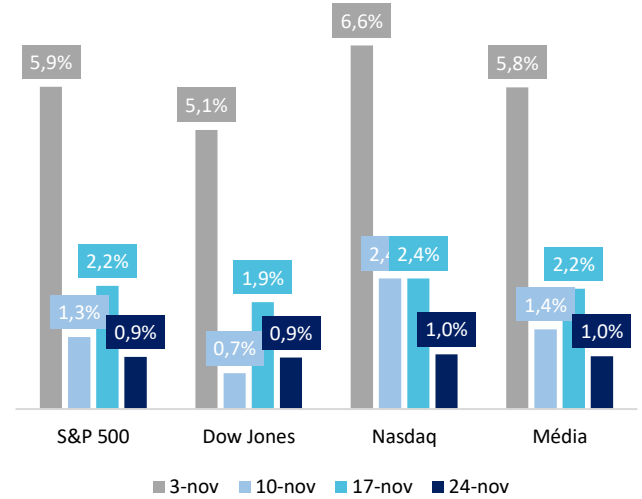
A semana foi novamente positiva para os ativos de risco no cenário internacional, dando sequência às altas recentes das principais bolsas mundiais. O movimento segue sustentado pelo alívio nos rendimentos das *Treasuries*, que teve como pano de fundo a ata da última reunião do Fomc/Fed, que seguiu dando suporte às apostas de que os juros não devem subir mais no país. Quanto aos próximos passos da autoridade monetária, a discussão atual do mercado é quando se iniciará o ciclo de cortes, precificados agora para maio ou junho de 2024. No cenário geopolítico, surgiu alguma esperança, ainda que tênue, de resolução do conflito na Faixa de Gaza, diante do acordo de trégua de 4 dias (com início na última sexta) entre Israel e o Hamas.

Quanto às divulgações, destaque para a ata do Fed, onde predominou o tom de cautela, ao detalhar a decisão de manter os juros entre 5,25% e 5,50% aa. O documento trouxe uma avaliação unânime do Comitê sobre “proceder com cuidado” nas próximas reuniões, voltando a afirmar que as próximas decisões dependem da evolução dos dados (atividade e inflação). Assim, mesmo que a opção de novas altas esteja em aberto, o Colegiado sinaliza que tende a manter os *Fed Funds* no atual patamar ante o risco de elevar demasiadamente os juros e gerar efeitos muito negativos na atividade.

Com relação aos indicadores, as prévias de novembro dos índices PMIs apresentaram sinais mistos. O setor de serviços voltou a subir (50,8 pts ante 50,6 pts), se afastando do patamar neutro (50 pts) e reforçando a resiliência do setor, enquanto a indústria voltou a indicar contração, atingindo 49,4 pts (ante 50,0 pts). Já a leitura final da confiança do consumidor, calculada pela Universidade de Michigan, caiu pela quarta vez seguida, atingindo 61,3 pts (ante 63,8 pts), permanecendo no menor valor desde maio (59,2 pts), diante da piora das expectativas para as condições econômicas.

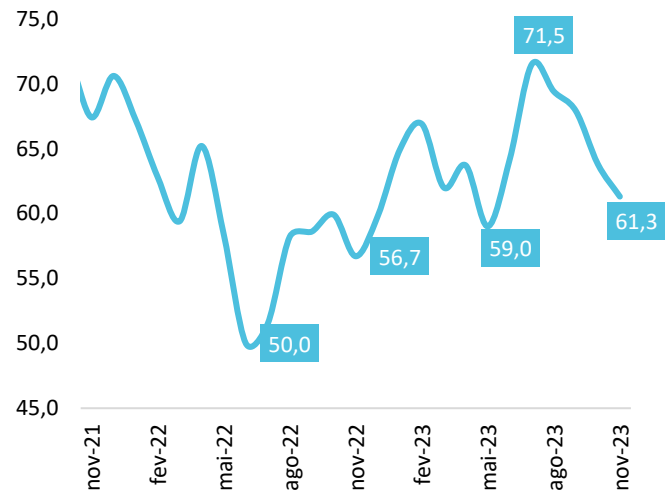
Na Zona do Euro, as prévias dos índices PMIs de novembro subiram, porém, seguindo em baixo patamar, especialmente na manufatura, indicando que a atividade segue em contração na região, em meio ao aperto monetário no bloco. O PMI industrial subiu para 43,8 pts (ante 43,1 pts), enquanto o de serviços atingiu 48,2 pts (ante 47,8 pts). Na mesma direção, a confiança dos consumidores também subiu no continente (de -17,8 pts para -16,9 pts), em função do maior otimismo com a desaceleração da inflação. Contudo, o índice também segue em baixo patamar e em terreno negativo.

**Quadro 3: EUA – Principais índices acionários**  
Var. % semanal



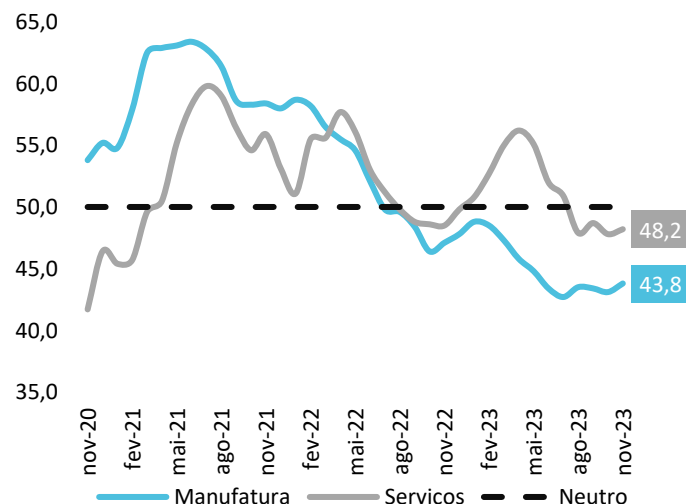
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 4: EUA – Confiança do Consumidor (Univ. Michigan) – Em pontos**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 5: Zona do Euro – PMI Manufatura e Serviços – Em pontos**



Fonte: Bloomberg.

## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

## CRÉDITO / BANCOS

### Crédito deve crescer 0,4% em outubro e desacelerar para 7,4% em 12 meses

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 0,4% em outubro, segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Apesar do novo avanço no mês, o resultado deve manter a tendência de desaceleração do ritmo anual de expansão do crédito, que deve passar de 8,0% para 7,4%. Normalmente, o BC divulga a sua Nota de Crédito na última semana do mês, mas a exemplo do ocorrido no mês passado, a divulgação do resultado de outubro acontecerá apenas na próxima semana, no dia 5/dez.

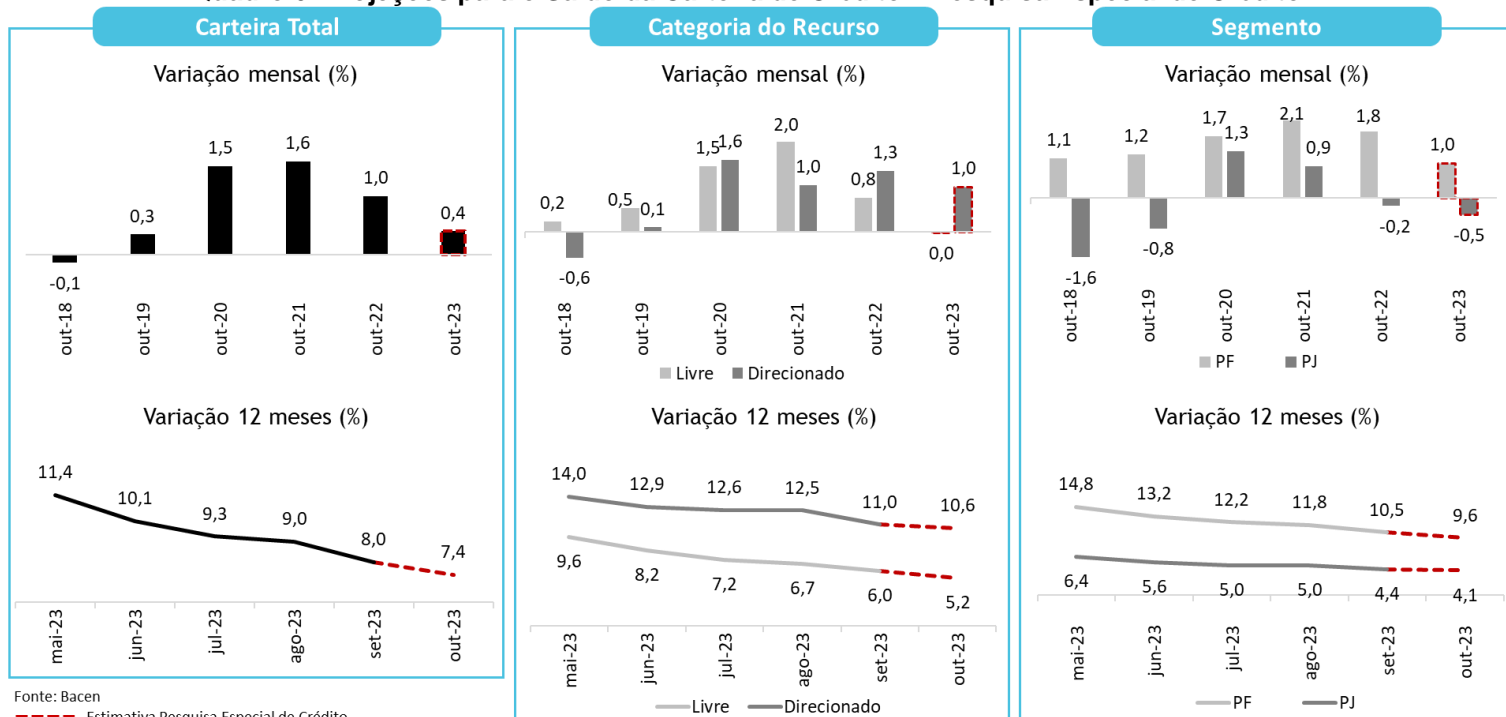
No mês, o crescimento do crédito deve ser liderado pela carteira destinada às famílias, cuja alta estimada é de 1,0%, com performance similar na carteira livre (+1,0%) e direcionada (+0,9%). No caso da carteira livre, o crescimento deve ser puxado pela cartão à vista, devolvendo a queda do mês anterior (beneficiado, dentre outros, pelo maior número de dias úteis no mês); e pela carteira de veículos, que tem mostrado alguma retomada nos últimos meses. Por outro lado, as linhas rotativas devem recuar, diante da redução do risco da carteira pelas IFs. Já na carteira direcionada, o crédito rural deve seguir como protagonista. Em 12 meses, a carteira PF deve seguir em acomodação, passando de uma alta de 10,5% para 9,6%.

A carteira PJ, por sua vez, deve recuar 0,5% em outubro, refletindo a queda do segmento com recursos livres (-1,4%), puxado pelo movimento sazonal das linhas de descontos (queda em início de trimestre), além de alguma fragilidade ainda em linhas importantes, como o capital de giro. Já o segmento com recursos direcionados deve crescer 1,2%, impulsionado pelos programas públicos de crédito. De forma similar, a expansão em 12 meses da carteira PJ deve desacelerar, de 4,4% para 4,1%.

No geral, o crédito deve seguir crescendo, embora de forma mais modesta que nos últimos anos. Esse movimento segue explicado pelos mesmos fatores que se acumulam desde o fim de 2022, como a taxa básica de juros em níveis elevados, alta da inadimplência e do endividamento das famílias. Tais fatores têm impactado negativamente o ritmo de expansão anual da carteira, que deve ficar pouco acima de 7% em 2023, em termos nominais, (ou cerca de 2,5% real), ainda assim, em linha com a atividade.

Importante destacar que a expectativa é de alguma melhora na dinâmica do crédito em 2024. Além dos sucessivos cortes da taxa Selic, os últimos meses já mostraram recuo das taxas de juros e da inadimplência, que também tendem a beneficiar o segmento.

**Quadro 6: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

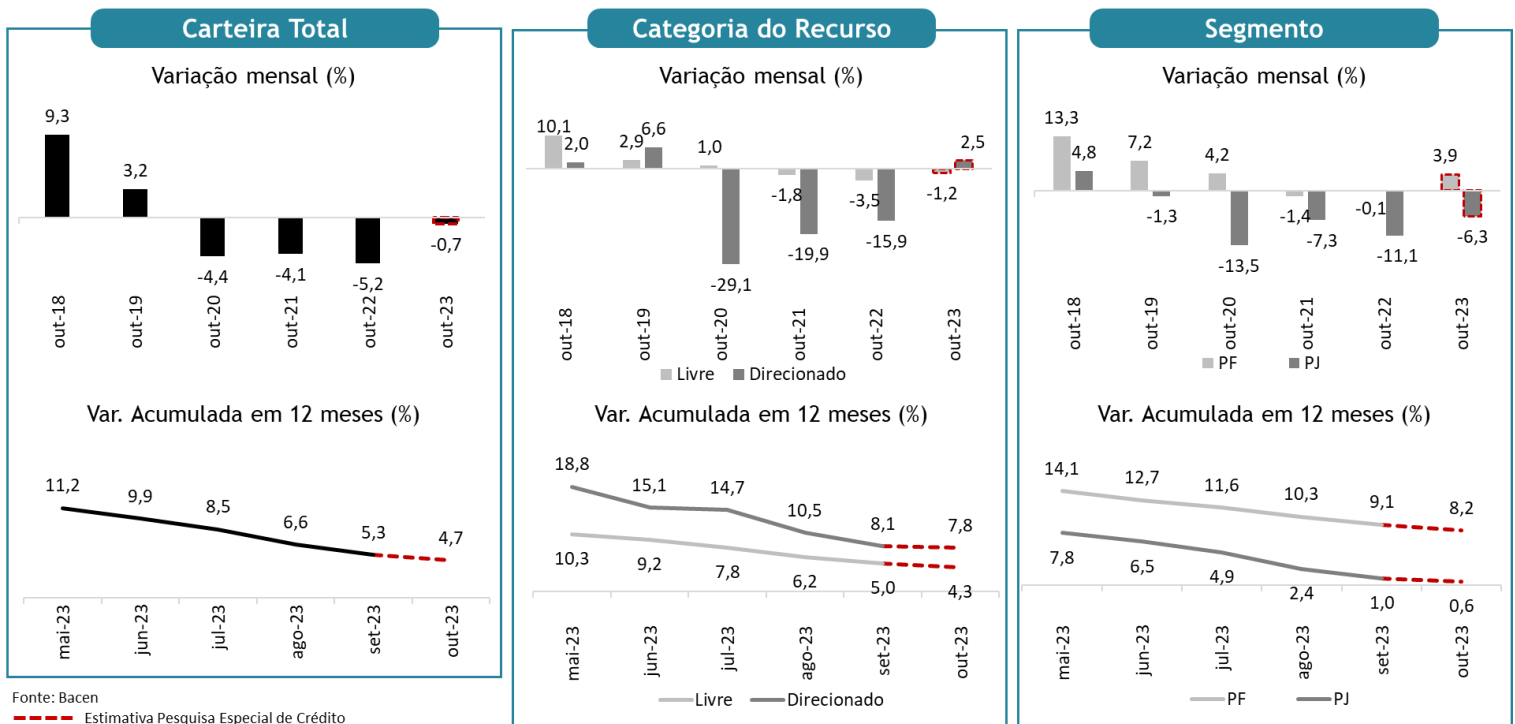
Em relação às concessões, a Pesquisa aponta retração mensal de 0,7% em outubro. Quando ajustado pelo número de dias úteis, no entanto, a queda deve sair mais intensa, de 5,5% no mês.

O recuo das concessões, ajustadas por dias úteis, deve ser relativamente disseminado entre os diversos segmentos, mas mais forte na carteira PJ (-10,8%) devido à sazonalidade negativa das linhas de fluxo de caixa. Já na carteira PF, a queda deve ser puxada pelo segmento com recursos direcionados, onde o fluxo de novos recursos do novo Plano Safra tende a diminuir com o avanço do programa.

No acumulado em 12 meses, o crescimento do volume de novas concessões deve continuar em trajetória de desaceleração, passando de 5,3% para 4,7%, com perda de fôlego tanto na carteira PJ (de 1,0% para 0,6%) quanto na PF (de 9,1% para 8,2%).

Como antecipado aqui, a Nota de Política Monetária e Crédito deve ser divulgada pelo Banco Central na terça-feira, dia 05 de dezembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 7: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Out/23

## CRÉDITO / BANCOS

A Anbima divulgou que o volume de emissões no mercado de capitais totalizou R\$ 46,1 bilhões em outubro, o 3º melhor mês do ano, reforçando sua trajetória de recuperação verificada desde junho de 2023. O resultado corresponde a uma queda de 20,2% ante setembro, mas uma alta de 8,8% no comparativo contra out/22.

A recuperação do mercado de capitais vem ocorrendo na esteira de um cenário mais positivo do ponto de vista econômico, especialmente com o início da flexibilização da política monetária (queda da taxa Selic), além de uma melhora no setor corporativo, com a ausência de novos pedidos de recuperação judicial por grandes empresas. O Quadro 8 traz a evolução mês a mês das captações, destacando o aumento da captação média nos últimos 5 meses (para R\$ 46,0 bi), ante a média dos primeiros 5 meses do ano, que foi menos do que a metade deste valor (R\$ 21,4 bi).

A captação de recursos segue concentrada nas debêntures, que representaram 62% do volume emitido no mês. Apesar da queda no mês (-10,3%), os R\$ 28,5 bi captados em outubro corresponderam ao 2º maior volume do ano (abaixo apenas do registrado em setembro, de R\$ 31,8 bi). Além disso, no comparativo anual, os últimos dois meses foram maiores do que o observado em 2021 e 2022, com dados já ajustados pelo IPCA (Quadro 9), reforçando a retomada do volume de operações através do instrumento.

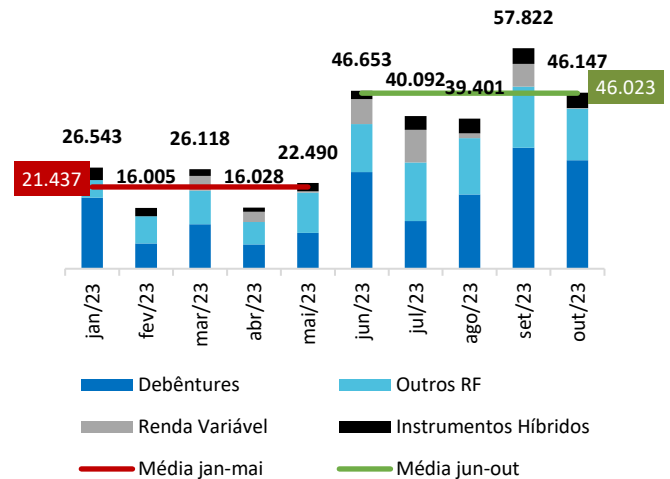
Também houve queda mensal (-15,5%) na captação dos demais instrumentos de renda fixa (CRA, CRI, FIDC e Notas Comerciais), bem como nos instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros), cujas emissões recuaram 3,4% no mês. De toda forma, os volumes de R\$ 13,5 bi e R\$ 4,0 bi, respectivamente, seguem elevados para o padrão do ano.

Na contramão, as operações via instrumentos de renda variável seguem fracas. Foram captados apenas R\$ 214 mi no mês, ainda concentrados em *follow-ons* (ofertas secundárias de ações), sem haver IPOs (novas empresas na bolsa) desde o início de 2022.

Apesar da recuperação na 2ª metade do ano, os números acumulados de 2023 ainda seguem modestos. As emissões totalizam R\$ 337,3 bi, valor 24,4% inferior ao mesmo período do ano passado. Destaque para os instrumentos híbridos (+34,6%), única modalidade com volume de emissão superior a 2022 neste comparativo.

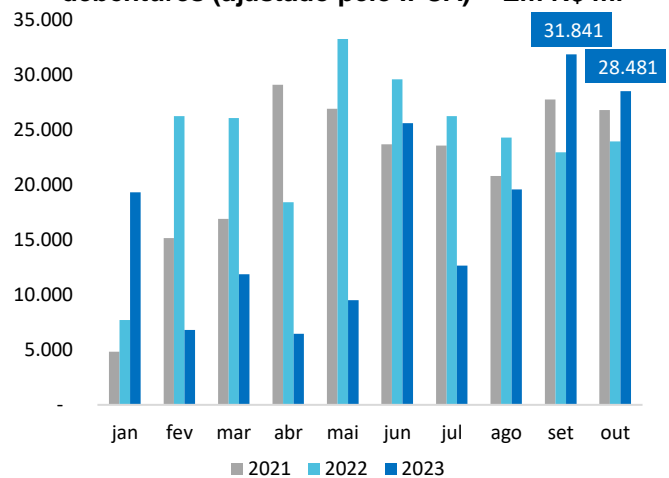
Assim, os números reforçam os sinais de retomada do mercado de capitais, mas ainda concentrado em alguns instrumentos (emissão de dívida) A expectativa é que, em 2024, ocorra a retomada da oferta de IPOs.

**Quadro 8: Captação no Mercado de Capitais por instrumento - Em R\$ mi**



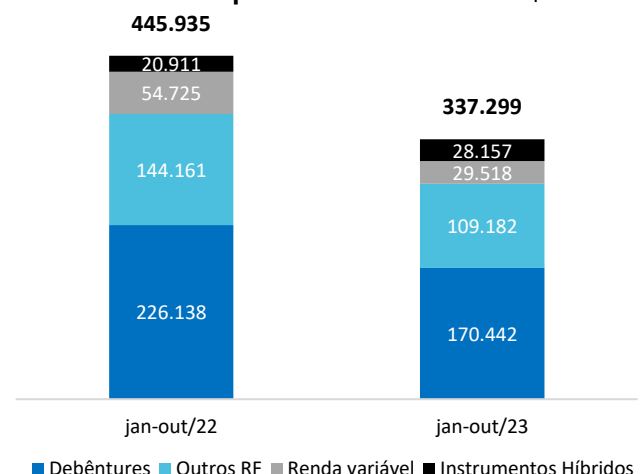
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 9: Volume mensal de captação das debêntures (ajustado pelo IPCA) – Em R\$ mi**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 10: Captação no Mercado de Capitais Acum. no ano por instrumento - Em R\$ mi**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

## Regulação – Comitê de Estabilidade Financeira do Banco Central (Comef)

## CRÉDITO / BANCOS

### Comef mantém em 0% o Adicional Contracíclico de Capital Principal relativo ao Brasil

Em sua 55ª reunião, realizada nos dias 21 e 22 de novembro, o Comitê de Estabilidade Financeira (Comef) do Banco Central manteve o Adicional Contracíclico de Capital Principal (ACCPBrasil) inalterado em 0%, ou seja, os bancos seguem sem exigência de acúmulo extra de capital. Normalmente, os BCs determinam uma alíquota adicional durante períodos de expansão (mais forte) do crédito, para que em momentos de contração, essa parcela de capital seja consumida. Na avaliação do BCB, a política macroprudencial se mantém neutra, consistente com períodos sem acúmulo significativo de riscos financeiros.

Em nota, o Comitê considera que o Sistema Financeiro Nacional (SFN) está preparado para enfrentar a materialização de riscos, que, por sua vez, segue ocorrendo nas operações com micro, pequenas e médias empresas (MPMEs). Como ponto positivo, o Comef destacou que a materialização de riscos diminuiu nas linhas de maior risco para as famílias; o retorno do crédito segue positivo; e as novas concessões têm mostrado melhor qualidade.

De toda forma, o Comitê voltou a ressaltar que está ocorrendo uma desaceleração na expansão do crédito, mas o mercado doméstico de dívida corporativa consolidou seu movimento de retomada.

Adicionalmente, o Comef avalia que “as provisões para as perdas de crédito e os níveis de liquidez e de capital dos bancos se mantêm adequados”. Em relação aos níveis de liquidez e capital, o BCB pontuou que os bancos têm mantido níveis superiores aos requerimentos prudenciais, patamar suficiente, inclusive, para resistir aos testes de estresse feitos pelo BCB. Diante de tal avaliação, o Comef julgou que as instituições financeiras mostram-se capazes de absorver a materialização do risco de crédito.

Em relação ao cenário internacional, o Comef indicou que está acompanhando a volatilidade e os níveis mais altos das taxas de juros nos EUA, assim como as incertezas quanto ao crescimento da economia chinesa. Dentro dessa conjuntura, o BCB reforçou que está preparado para atuar com o objetivo de minimizar eventuais contaminações desproporcionais sobre os preços dos ativos locais.

Diante do exposto pelo documento, o Comef decidiu ser apropriado manter o ACCPBrasil em 0% nas próximas reuniões, em meio às condições financeiras restritivas, os preços atuais dos ativos e suas expectativas com relação ao mercado de crédito. A ata da reunião, que trará mais detalhes sobre o encontro, será divulgada nesta quarta-feira (29). O Comitê voltará a se reunir no ano que vem, nos dias 20 e 21 de fevereiro. [Clique aqui](#) para ler o comunicado completo.





## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2023				2024			
	24/11/23	17/11/23	27/10/23	Viés	24/11/23	17/11/23	27/10/23	Viés
IPCA (%)	4,53	4,55	4,63	▼	3,91	3,91	3,90	↔
PIB (% de crescimento)	2,84	2,85	2,89	▼	1,50	1,50	1,50	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	9,25	9,25	9,25	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,00	5,00	5,00	↔	5,05	5,05	5,05	↔

Fonte: Banco Central do Brasil

Indicadores do Mercado	24/11/23	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	4,90	-0,16%	-2,70%	-7,16%	-7,72%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	148,15	-3,19%	-19,10%	-41,69%	-43,13%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,94	-0,54%	-2,22%	-12,57%	-12,83%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,52	0,00%	-5,62%	-21,55%	-26,49%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	10,76	0,97%	-7,08%	-14,75%	-19,43%
Índice Ibovespa (em pontos)	125.517,27	0,60%	10,94%	14,38%	12,24%
IFNC (setor financeiro)	12.472,78	1,67%	12,95%	21,64%	20,36%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	22,22%	37,50%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,95	1,29%	-2,73%	11,81%	10,52%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,47	0,70%	-9,41%	15,27%	20,95%
Dollar Index	103,40	-0,49%	-3,06%	-0,11%	-2,52%
Índice S&P 500 (em pontos)	4.559,34	1,00%	8,72%	18,75%	13,21%
Índice de ações de bancos – EUA	92,97	-1,66%	11,17%	-18,51%	-24,77%
Índice Euro Stoxx 50	4.372,10	0,72%	7,66%	15,25%	10,79%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	115,28	0,13%	6,96%	20,26%	22,04%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	80,58	-0,04%	-7,81%	-6,20%	-5,66%

Fonte: Bloomberg

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira